



Conversatório 1: Movimentos Sociais e a luta das mulheres rural

Linalva Cunha Cardoso Silva Possui graduação em História pela Universidade Federal do Maranhão (2006), Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Maranhão. É agente da CPT/MA do Sub-regional Centro Sul na coordenação do projeto Rede de Ação Integrada de Combate a Escravidão- RAICE, nos municípios de Codó e Timbiras/MA.

Bom dia mulherada. Gente, meu coração tá pra sair pela boca, é um nervosismo tão grande, como pode isso? Rosieli, fazendo a gente deixar a alma chorar de dentro pra fora, trazendo esse sentimento desesperador que a gente tem tido desde o início dessa pandemia. Talvez esse sentimento de desespero tenha crescido, em cada uma de nós de forma diferente, à medida que a problemática vai avançando. Mas a gente não tem falado só de problemática, a gente veio falar de força, de resistência, compartilhar. isso que é muito próprio de nós mulheres de pensar o novo, o diferente de forma positiva. Ainda que a gente venha enfrentar as dores das diversas violências, a gente não desiste da gente ou umas das outras. Primeiro agradecer de coração à abordagem de Ana. Digo não no sentido negativo, mas de surpresa. É a primeira vez que participo de um espaço da ABA, é um honra enorme, conheço muitas companheiras que fazem parte da ABA, algumas delas inclusive estão assistindo a gente pelo Youtube. Mas pra mim, me acho adona da porra toda, participando desse espaço com várias mulheres que estou vendo pela primeira vez. E eu acho que para consagrar o início da minha fala, gostaria de utilizar as palavras de uma autora que sou apaixonada, que é a Clarissa (Pinkola Estés), que à medida que ela vai fazendo esse convite eu gostaria que vocês se sentissem convidadas por mim também, que faço das palavras dela as minhas nesse momento. “Por isso vamos, por enquanto, permitir apenas que o pensamento tranquilo nos abençoe por um tempo antes que voltemos a falar sobreo velho realejo do mundo. Venham, venham, experimentem essa poltrona, essa cadeira, essa cama que vocês estão aí, esse tamborete. Experimente essa poltrona, eu acho que ela é perfeita para o seu corpo querido.” Pronto, agora vocês façam exatamente isso por favor. Respirem fundo.. respirem fundo.. deixem os ombros caírem até o ponto em que eles estejam naturais. Não é bom poder respirar ar puro se nós pensarmos que

tantas vidas estão sendo perdidas por falta de ar? Respirem fundo mais uma vez, por favor. Vamos, espero termos quase todo tempo do mundo pra isso, eu espero. Viram como é bom respirar? Vocês estão mais calmas, presentes? Aterradas com os pés no chão. Estão aqui nesse espaço que é nosso, que é legítimo. Preparei uma lareira perfeita para nós, olhe quanto fogo nós temos aqui. O fogo vai durar a noite inteira, no caso, parte desta manhã. Suficiente para todas as nossas histórias dentro de histórias, de grandes histórias, de lindas histórias. Um momentinho só, enquanto termino de limpar a mesa com menta fresca, ou pode ser lavanda, óleo de alecrim, melaleuca, limão, o que vocês desejarem. Pronto, vamos usar a louça bonita, vamos beber o que estávamos guardando para uma ocasião especial. Nós vamos beber conhecimento. Essa é uma ocasião especial. Sem dúvida, uma ocasião especial é qualquer ocasião na qual a alma esteja presente. Você já percebeu que "reservar" para uma hora é o jeito que o ego tem para dizer, de forma rabugenta, que não acredita que a nossa alma mereça prazer no dia a dia. E a nossa alma merece prazer no dia a dia. Este, por exemplo, é um prazer que nós estamos tendo. Mas ela merece de verdade, a alma, sem dúvida, sempre merece. Por isso vamos nos sentar, e eu sei que todas já estão sentadas, tem uma com um bebezinho dançando, mas está de bem, a alma tenho certeza que lá está. Vamos sentar comadres, mulheres, companheiras, deusas. Vamos sentar irmãs. Só nós duas não, só nós 69 nessa sala e tantas outrasque tão aí assistindo pelo youtube. E o espírito que se forma sempre que duas ou mais se reúnem em um espaço mútuo, sempre que duas ou mais falam de um assunto que importa de verdade. Esse assunto, como tantos outros, é um que importa de verdade. Aqui, nesse refúgio afastado, afastado entre aspas né, permite-se e espera-se que a alma diga o que pensa, que cada uma de nós através de nossas almas possamos dizer o que pensamos e o que sentimos. Aqui a nossa alma está em boa companhia, e como não estar em boa companhia né ? quando estamos umas com as outras. Posso garantir que, ao contrário de muitas do mundo lá fora, aqui a sua alma está em segurança. Fiquem tranquilas comadres, companheiras, deusas, irmãs. Sua alma neste momento, por enquanto, está a salvo.

Eu começo trazendo esse texto meio redesenhado por mim, sobre aclamar nossa alma, e é algo que eu gosto sempre de falar, eu gosto de responder minhas mensagens "deixe minha alma chegar", "a alma não chegou". A gente sempre precisa que essa alma chegue, todas as vezes que a nossa força está junto é quando a nossa alma está presente, é quando estamos aterradas. Minha fala hoje vai trazer um pouco dessa experiência que a gente tem vivido junto às mulheres acompanhadas pela comissão pastoral da terra, do regional maranhão. Vou falar um pouco do que a gente tem construído antes e durante essa pandemia, mas que também tem ressignificado não só o olhar das mulheres acompanhadas pela CPT, mas principalmente de

nós agentes, que no geral, não estamos lá para acompanhar,mas estamos lá muito mais para aprender, porque até quando elas trazem problemas ou apresentam dificuldades e demandas gigantescas, muitas delas a gente nem sabe e a gente vai pesquisar, procurar os caminhos nas pedras para poder junto com elas, senão sanar o problema, pelo menos diminuir.

A CPT está em cerca de 64 territórios no Maranhão, e a gente tem se aproximado muito dessa categoria porque as comunidades têm nos dito exatamente isso, e principalmente as mulheres. Estou falando de um estado que parte dele é pré-amazônico, parte dele é cerrado, mas que tem uma presença marcante das quebradeiras de coco babaçu, que é uma categoria que me aproximo muito mais até por ter trabalhado e vivido um momento de pesquisa muito intenso com elas durante o mestrado. E esse conceito de território vai para além das linhas físicas, geográficas que o governo determina. No caso das quebradeiras, esse território vai onde tem coco babaçu. Se não tem coco babaçu no meu lote e tem no da vizinha, lá é meu território. Se está dentro da área do fazendeiro, lá é meu território. Não por acaso, a luta delas foi ferrenha com relação à lei de livre acesso ao babaçu. Nesse bojo está a maioria das comunidades que a CPT acompanha.

Eu vi aqui uma pergunta assim que Leila terminou sua explanação, sobre a questão da identidade, e como as mulheres estão se auto identificando, e entendi que a pergunta era sobre as mulheres das comunidades acompanhadas pelo MTA. E não respondendo a resposta da Leila, mas entendendo que essa pergunta também cabe a nós, a mim e à Rosieli, é que nós estamos falando de mulheres que se autodenominam pluriétnicamente. São mulheres que chegam nos espaços e dizem “eu sou quebradeira de coco babaçu”, “eu sou camponesa”, “eu sou quilombola”, “eu sou coordenadora da associação local”, “da associação de mulheres”, “eu faço parte do movimento interestadual das quebradeiras de coco babaçu”, “eu faço parte da TEIA” “eu sou da CPT”. Então são mulheres que vão se reunir em um conjunto de identidades em que elas não se sentem à parte, à margem, mas que se sentem como parte de um todo, de um todo que luta por direitos, protagonismo, geração de renda, que luta por um mundo sem violência.

Se a gente pensar no contexto da CPT, nós vamos pensar num contexto que,por muitos anos, mesmo que em algumas regionais tendo mulheres, geralmente emalguns regionais eram mulheres religiosas, como por exemplo freiras. Mas praticamente um contexto que foi por muito tempo tinha mais predominância masculina, com pouca predominância de mulheres e os trabalhos reservados para as mulheres eram realizados, mas, o que nós temos discutido nos últimos 4 anos é

que essa visibilidade não era dada com a legitimidade que ela merecia, com o regional Maranhão juntamente com os outros regionais dos outros estados, numa perspectiva nacional, é que estamos fazendo um processo de organização das mulheres a partir de seus saberes. E nesse caso, o que é uma experiência do Maranhão, por exemplo, a gente tá aqui falando de agroecologia, mas há comunidades e lideranças, mulheres, que ainda não conseguem compreender o conceito de agroecologia e de feminismo que não seja aquele estereotipado. Agroecologia que tem relação com o agronegócio, pelo “agro”. E feminismo que são mulheres. - o que infelizmente é um estereótipo que parece extremamente atemporal, há uma briga ferrenha nossa por essa desconstrução - que as mulheres feministas são as mulheres bravas, que querem eliminar os homens. Quando na verdade a gente tá dizendo “hey, sai desse lugar de poder e vem aqui do meu lado porque nossos direitos são iguais”. quando a nossa luta feminista acontece no dia a dia no cotidiano, a gente não quer o lugar deles. A gente está dizendo que nós queremos direitos iguais, e para isso acontecer não dá pra um sobrepor o outro. Nós não estamos querendo ir pra lá pra ele descer, nós estamos pedindo pra ele descer e vir pra cá pro nosso lado, para construirmos essas estratégias juntos.

Então esses debates que a gente tem construído com as mulheres nas comunidades, eles tem tomado outro nome, e pra gente tudo bem, não tem problema, o que é mais importante é elas compreenderem que isso tem relação com esse todo, então, por exemplo, a Rosieli deu um exemplo que “o caminho que foi encontrado para falar de gênero com as mulheres foi através das plantas medicinais”. Para alguns grupos de mulheres que nós acompanhamos, o espaço em que a gente discute sobre a violência doméstica, em que elas estão imersas, por exemplo, é no mutirão da quebra do coco babaçu, em que elas trocam de dia, elas fazem o mutirão da quebra do coco, estão ali sentadas, vão em conversas triviais e acabam.. olha um espaço, ali é uma reunião de vocês, só que é um outro tipo de reunião. Então esse é um espaço pra fazer isso. Por que esse também é um espaço? Porque a gente sabe que em muitas comunidades, os maridos delas não deixam elas saírem de suas casas para que as mulheres se juntem e comecem a discutir coisas de mulheres. Nós temos exemplos de mulheres que viviam em situação de violência muito grande, e um dia ela resolveu dar um basta mesmo, e quando ela ia saindo, era pra discutir a política do preço mínimo do babaçu, que é o (PG PM?). Quando ela ia saindo, que ela já tinha entendido o que era, ele disse:

Ele: “Você vai pra onde?”

Ela: “Eu vou pra reunião das mulheres.”

Ele: “Você não vai não, porque tem comida pra fazer, e vocês vão ser vagabundas.” Ela: “Quando for reunião para discutir coisas de homem você vai. Como agora é pra discutir coisa de mulher quem vai sou eu, então se você quiser comer você vai fazer.”

Até hoje a gente pergunta “onde nasceu essa força? Onde que ela estava escondida ali? Por que que esses anos todos você nunca soube dizer isso e você disse isso?” e ela olhou pra gente e falou: “Porque pela primeira vez eu vi um resultado do meu trabalho”. Porque, quem sabe sobre a política da subvenção do babaçu, sabe que isso valoriza o preço. Nós temos comunidades que conseguem acessar, mas nós temos comunidades em que as mulheres nunca nem ouviram falar de subvenção, que é essa política pública que está aí disponível para as extrativistas. E estas situações que a gente tem vivenciado com as mulheres, elas têm surgido quando a gente traz para a discussão a defesa do território físico e espiritual, por que elas tem nos dito que não dá pra separar isso, nós não conseguimos fazer a defesa do território sem pensar nesse pedaço de chão e sem pensar nessa relação espiritual. E ela tem uma relação extremamente simbiótica, essa defesa do território, que é ratificada através do modo de fazer, de criar e de viver dessas comunidades. Elas vão nos dizendo como que isso acontece, e conseqüentemente elas vão dizendo como que elas vão fazer a agroecologia. É o modo de plantar, é o modo de criar, é o modo de acolher os debates contra a violência, ou para a produção, ou para a comercialização solidária, ou para o direito: o direito à habitação, à água, o direito de viver. E conseqüentemente elas vão trazendo a conexão com a natureza, quando elas fazem a defesa do território no âmbito físico, espiritual, elas também vão apresentando a conexão que elas fazem com a natureza. Por isso justifica-se também elas defenderem o território, não aterra pela terra, mas o lugar de passagem e o lugar de morada. O lugar onde elas fincam raízes, o lugar onde nasceu sua avó, nasceu seu bisavô, nasceram seus ancestrais. E aí elas vão nominando isso, e pra isso elas vão dizendo pra gente, com outras palavras, que elas estão fazendo agroecologia, e elas estão fazendo de fato agroecologia quando elas fazem a defesa dos igarapés, das nascentes, quando

elas pedem licença para entrar no riacho, quando elas se benzem diante de uma nascente ou diante de uma árvore que é centenária. Elas vão construindo esse saber compreendendo que isso não é só defender o território, isso não é só conexão com a natureza, isso é também ancestralidade, isso é pertencimento, isso é identidade.

“A Linalva tá dizendo isso, poderia ser uma das mulheres que deveriam estar dizendo” eu também acho. Não deveria ser eu quem deveria estar dizendo isso, elas têm muito mais propriedade pra falar. Mas eu também estou aprendendo com elas, eu também preciso fazer esse exercício de escuta para poder compreender aquilo que, pra mim, parece tão natural, tão conhecido e que na verdade ele acaba sendo desconhecido, porque eu não vivencio, elas vivenciam. As marcas que o território vai tendo a partir daquilo que vai acontecendo dentro desse território com elas, por elas e para elas, quem sentem são elas. Então elas tem propriedade para falar como isso é desenhado.

E a outra questão, que é outro momento em que a gente fala de agroecologia e fala dessa construção desse saber popular através do sagrado, aquilo que é sagrado e que elas vão fazendo essa representação e essa materialização, através da proteção que elas fazem da natureza, e quando elas fazem um mapa mental ou cartografia social de seu território, elas vão marcando o que é sagrado dentro de seu território, seja aquilo que já está lá, que é natural como o rio, os igarapés ou aquilo que foi conquistado através dos direitos, acesso aos direitos como escola, igreja, salão de reunião.. e por fim essa questão da rede de cuidados, que a gente precisa discutir e tentar sentir que a gente sabe que são formas diferentes, e que isso tem a ver com sororidade, a compreensão do que é sororidade pra gente e pra outra. Essa rede de cuidado que acontece através desse espaço seguro de informação. Roda de conversa, oficinas, intercâmbio, que tem o objetivo de construir estratégias de autoproteção delas no território, sem desrespeitar suas especificidades - como leila pontuou muito bem. sem desrespeitar a sua diversidade, quilombola, indígena, marisqueira, pescadora, açazeira, quebradora de coco babaçu, e por aí vai. É momento de fomentar a ciranda. E essas mulheres estão sob ameaça, várias ameaças, a pandemia tá aí nos dizendo que elas têm aumentado. Queria encerrar, só pra fechar minha fala, com uma fala da Dona Lucimar, que é da comunidade Aldeia Velha, que vive ali um conflito pela regularização há muitos anos. Ela diz o seguinte:

“O corpo da mulher é um território, e esse território precisa ter saúde física e mental. Se a mulher fica doente, o território todo adoce, pois é ela quem ajuda a cuidar dele. Por isso temos que ter o nosso território vivo, para poder plantar o alimento sem o veneno, porque com o uso do veneno nós e o território morremos”.